



## **Turismo e comunicação-trama: reflexões com base no Festival Brasileiro de Música de Rua**

## **Tourism and weave-communication: reflections based on the Brazilian Festival of Street Music**

Natalia Biazus<sup>1</sup>  
Maria Luiza Baptista<sup>2</sup>

---

Este artigo foi recebido em 03 de SETEMBRO de 2017 e aprovado em 05 de FEVEREIRO de 2018

---

**Resumo:** No presente artigo, discute-se a relação entre turismo e comunicação, com base no conceito de comunicação-trama e, tendo como platô investigativo, o que corresponde ao objetivo empírico: o Festival Brasileiro de Música de Rua. Trazem-se resultados parciais de estudos em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade, da Universidade de Caxias do Sul, vinculado ao grupo de estudos Amorcomtur! Comunicação, Turismo, Amorosidade e Autopoiese. O referencial teórico é transdisciplinar, envolvendo estudos do turismo e da comunicação, alinhados com pressupostos da ciência contemporânea. Em termos metodológicos, o texto foi produzido com base na estratégia denominada como *cartografia dos saberes*, com ênfase no relato de três cenas vivenciadas durante o Festival Brasileiro de Música de Rua. Em termos operacionais, as cenas envolveram entrevista, observação participante e análise de texto jornalístico em associação a levantamento bibliográfico. Percebe-se, com base nas três cenas e no referencial teórico trabalhado, que o Festival Brasileiro de Música de Rua traz sinalizadores com relação às características de Caxias do Sul, como destino turístico, e aos modos de produção de um evento artístico-cultural que desafiam padrões e modelos pre-existentes. Além disso, fica evidente a forte conexão do turismo e da comunicação na dimensão de trama complexa.

**Palavras-chave:** turismo, comunicação, subjetividade, Caxias do Sul, Festival Brasileiro de Música de Rua

**Abstract:** This study discusses the relation between tourism and communication, starting from the 'weave-communication' concept, taking as investigative plateau, which corresponds to the empiric object, the Brazilian Street-Music Festival. It brings partial results from a developing

---

<sup>1</sup> Mestra em Turismo e Hospitalidade e bacharela em Comunicação Social Habilitação em Relações Públicas. Instituição: Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul – RS, Brasil. E-mail: nati.biazus@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo - USP e Professora do Programa de Pós-Graduação em Turismo e Hospitalidade da Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul – RS, Brasil. E-mail: malu@pazza.com.br

study at Tourism and Hospitality University of Caxias do Sul, Postgraduate Program, linked to the Amorcomtur! studies group. The theoretical referential is transdisciplinary, involving Tourism and Communication studies, aligned with contemporary scientific assumptions. Methodologically, the text was produced based on the strategy denominated knowledge Cartography, with an emphasis on three reported scenes that happened during Brazilian Street-Music Festival. Operationally, the scenes involved interviews, participant observation and journalistic text analysis associated with bibliographical data. It is noticed from the three scenes and the theoretical referential that the Brazilian Street-Music Festival brings clues of Caxias do Sul as a touristic destination and to the ways of producing a cultural artistic event that defies pre-existent patterns and models. Furthermore, the strong connection between Tourism and Communication becomes evident in its complex web dimension.

**Key words:** tourism, communication, subjectivity, Caxias do Sul, Brazilian Street-Music Festival

## 1. Introdução

Propõe-se, no presente artigo, fazer uma discussão sobre turismo, em sua dimensão complexa, e relacionar ao conceito de comunicação-trama, tendo, como platô investigativo, o Festival Brasileiro de Música de Rua, que aconteceu em 17, 18 e 19 de março de 2017, em Caxias do Sul/Brasil. O termo platô, aqui, representa “plano de intensidade contínua”, conforme Guattari e Deleuze (2011) e, nos moldes da pesquisa tradicional, corresponde ao objeto empírico. O texto traz o relato parcial da pesquisa realizada no nível de mestrado, em Turismo e Hospitalidade, na Universidade de Caxias do Sul. Essa pesquisa é vinculada a um projeto mais amplo, denominado “TRAMA AMORCOMTUR! Complexos processos comunicacionais e subjetivos, que potencializam o turismo, considerados sobre o viés da amorosidade e autopoiese”.

Neste texto, o pressuposto básico é o conceito “trama”, compreendido como expressão do caráter complexo, inerente aos processos científicos, turísticos, comunicacionais e subjetivos contemporâneos (AUTORA 2, 2000). Em termos teóricos, pressupõe uma trama de trilhas investigativas, envolvendo autores de diversas áreas do conhecimento — entre elas, *epistemologia da ciência*, com Fritjof Capra (2006); *turismo* especialmente com Susana Gastal (2005, 2006, 2012) e Marutska Moesh (2002); *comunicação*, com Maria Luiza Cardinale Baptista e Ciro Marcondes Filho; e *subjetividade*, com Suely Rolnik, Feliz Guattari e Gilles Deleuze (2011). Optou-se por relacionar os pressupostos gerais da pesquisa “Trama Amorcomtur!”, em termos epistemológicos e teóricos, ao platô investigativo Festival Brasileiro de Música de Rua. O evento é considerado, aqui, como processo comunicacional e subjetivo, que potencializa o turismo em Caxias do Sul.

Pelas peculiaridades do objeto empírico, a discussão relaciona-se à relação entre *cultura* e *turismo*, o que, no campo, vem sendo denominado de *turismo cultural*, muito frequentemente envolvendo o potencial de relação entre eventos culturais e a mobilização de sujeitos. Reconhece-se que há interessantes

discussões, nesse sentido, como registra, numa abordagem crítica, o trabalho de Gastal (2012) e faz o resgate histórico do desenvolvimento dos estudos sobre *turismo cultural*, o texto de Noémi Marujo (2015). Vale ressaltar, no entanto, que, seguindo a orientação geral do pressuposto conceitual “trama”, não se pretende aprofundar a discussão no viés segmentado, mas, ao contrário, considera-se o turismo numa abordagem complexa e ecossistêmica.

Assim, também, em coerência com as bases epistemológicas e teóricas deste estudo, a estratégia metodológica que orienta a pesquisa, neste texto, é a *cartografia dos saberes*, proposta por Baptista (2014). Trata-se de um conjunto de proposições que orientam as práticas investigativas, considerando a investigação como um processo que envolve desde os saberes pessoais das pesquisadoras, os saberes teóricos, até o que a autora chama de “usina de produção”, com as aproximações e práticas investigativas, em si, ao que é acrescentada a dimensão intuitiva da pesquisa. Nesse sentido, a estratégia metodológica pressupõe a ciência como decorrente de uma lógica processual, mutante, complexa, ecossistêmica.

Assim, no texto, apresenta-se relato que resulta de uma prática qualitativa de pesquisa, em que as próprias pesquisadoras e seus saberes entrelaçam-se, na produção da investigação e do texto. Tem-se, portanto, inscritas, ideias compartilhadas, que, estrategicamente, discutem cenas vividas e registradas, em diário de campo, por uma das pesquisadoras que atuou na equipe de produção do Festival Brasileiro de Música de Rua. Essas cenas relatadas passaram pela ação metodológica proposta por Baptista, denominada aqui como “decupagem”, correspondendo a marcações sintéticas que organizam o conteúdo selecionado. Trata-se de algo próximo do processo de categorização em análise de conteúdo, mas que tem como inspiração a decupagem de cenas para a produção televisiva (BARDIN, 2011; COMPARATO, 1983).

No texto, segue-se o seguinte percurso narrativo: primeiro, traz-se a abordagem de turismo e comunicação em sua dimensão trama. Depois, são apresentados os sinalizadores metodológicos, no desenvolvimento da cartografia. A seguir, são apresentadas três cenas do platô investigativo, discutidas, e feitas considerações finais.

## **2. Turismo: trama de saberes**

Em termos teóricos, percebe-se o esforço de alguns autores, no sentido de encontrar um paradigma que possa delinear limites aos estudos no campo do turismo. Reitera-se, aqui, que o que predomina, na abordagem, é o turismo em sua dimensão trama, e não uma lógica segmentada, embora se reconheça a relevância de discussões sobre a relação entre turismo e cultura, que transversalizam a abordagem e se relacionam especialmente ao objeto empírico. Como se entende o turismo como campo e fenômeno ecossistêmico, a cultura, claro, é inerente, interveniente, substância essencial de todos os processos, devendo, portanto, ser estudada como substrato de produção do fenômeno. Não se pensa, entretanto, apenas

no viés de segmento de mercado, ainda que se considerem abordagens e reflexões que contribuem para pensar aspectos transversalizantes entre turismo, cultura e comunicação.

Em direção à abordagem ecossistêmica, Mário Beni pode ser considerado pioneiro nessa busca, ao propor o Sistema do Turismo (Sistur), ainda na década de 1990. Descrito na obra *Análise estrutural do turismo* (BENI, 2008), o Sistur é uma referência no campo de estudos do turismo, por apresentar uma síntese do estado da arte da pesquisa e da atividade, que, com base na noção de sistemas e nas relações ambientais com seus subsistemas, busca reunir a complexidade do turismo a um modelo referencial.

Durante a disciplina Turismo: Planejamento Estratégico e Capacidade de Gestão, ministrada no segundo semestre de 2015, na Universidade de Caxias do Sul, Mário Beni apresentou uma atualização do Sistur, que representa um avanço nas fronteiras de uma figura plana para uma representação tridimensional e hologramática, em conexão com estudos sobre complexidade de Edgar Morin (1991). Beni fundamentou a atualização do Sistur pela necessidade de uma resignificação de suas estruturas, afirmando o “turismo como processo humano, que ultrapassa o entendimento como função de um sistema econômico” (anotações no diário de campo, em 13 de novembro de 2015.). As discussões avançaram nessa direção e, em texto de 2017, Beni e Moesch apresentaram a relação entre *teoria da complexidade* e o que denominaram *ecossistema do turismo* (BENI; MOESCH, 2017).

Panosso Netto (2003), por outro lado, no texto *O problema epistemológico no turismo: uma discussão teórica*, apresenta a perspectiva de diferentes autores sobre a questão epistemológica no campo do turismo. Para tanto, traz, como modelo de cientificidade, a perspectiva de Thomas Kuhn, consagrada na obra *A estrutura das revoluções científicas*. A colocação de Panosso Netto pode levar o leitor a questionar se é o turismo que não está desenvolvido o suficiente, para atender aos limites de um paradigma com sólidas bases epistêmicas, ou se o modelo paradigmático de ciência tradicional é que não atende à complexidade de uma ciência em movimento, como o turismo. Não se tem a pretensão de responder esse questionamento, mas, para este estudo, ele é considerado como algo que transversaliza o fazer e o pensar do turismo na contemporaneidade, assim como o presente trabalho.

Em abordagem mais próxima da que se apresenta neste texto, na obra *Turismo, imagens e imaginários*, Gastal (2005) convida o leitor a pensar a viagem como um processo complexo e diverso, e o turismo como um fenômeno social, cultural, econômico e, também, complexo. Ao propor a discussão de imagem e imaginário ao turismo, a autora conecta aspectos subjetivos ao planejamento do produto turístico, sem deixar de lado o cenário contemporâneo regido pela lógica de consumo e tecnologia.

Para Gastal, elementos, como experiência visual, estetização da vida contemporânea, sofisticação dos equipamentos de produção de imagens e o estranhamento do olhar diante do novo, são o que há de comum entre os infinitos tipos de viagens e turismos, seja deslocamentos internacionais ou entre bairros na mesma cidade. Nesse contexto, Gastal (2005) também destaca a importância de outro elemento para o turismo: a cidade. Lembrando que, em tempos contemporâneos, a cidade passa a ser um destino turístico

importante, por representar relevâncias política, econômica e cultural. Já a discussão sobre a cidade na contemporaneidade ganha destaque na obra *Alegorias urbanas: o passado como subterfúgio* (GASTAL, 2006), em que a discussão do urbano e da cidade diferencia-se e complementa-se para que sejam pensados os espaços fixos e a fluidez dos deslocamentos.

Já na tese *A produção do saber turístico*, Moesch (2002) posiciona o turismo em um contexto econômico e de interdependência com o capitalismo. Para a autora, o “turismo nasceu e se desenvolveu com o capitalismo. A cada avanço capitalista, há um avanço do turismo” (MOESCH, 2002: 9). Faz um resgate de interpretações acadêmicas para o fenômeno, no transcurso do tempo, trazendo uma multiplicidade de conceituações. Entre os diferentes conceitos sobre o turismo na contemporaneidade, Moesch (2002) considera-o um fenômeno que ultrapassa as questões econômicas e sociais, e compreende-o como um campo complexo de múltiplas facetas e interferências e, principalmente, que acontece com e para pessoas.

O turismo é uma combinação complexa de inter-relacionamentos entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, cartografia natural, relações sociais de hospitalidade, troca de informações interculturais. O somatório dessa dinâmica sociocultural gera um fenômeno, recheado de objetividade/subjetividade, consumido por milhões de pessoas, como síntese: o produto turístico (MOESCH, 2002, p. 9).

Moesch (2002), ao mesmo tempo em que apresenta um olhar crítico, atrelando o turismo à lógica econômica capitalista, não encerra crítica, pois caracteriza o produto turístico como resultado de uma dinâmica sociocultural, consumido por milhões de pessoas. Assim, a autora também abre a possibilidade para uma diversidade de olhares para o turismo, pois existem múltiplas dinâmicas socioculturais recheadas de objetividade e subjetividade. Nesse sentido, Moesch (2002) também é uma das referências do campo do turismo para este trabalho. Vale lembrar que não se pretende esgotar a literatura sobre o processo histórico e teórico do turismo, mas demonstrar contribuições importantes para a discussão de interface turismo e comunicação.

Trazendo para o campo conceitual do turismo, pode-se pensá-lo também como “uma combinação complexa de inter-relacionamento” entre áreas de conhecimento, uma “trama/teia” que conecta saberes. Como exemplo dessa combinação complexa, pode-se mencionar o próprio Programa de Pós-Graduação em que esta pesquisa está sendo realizada. Nele, os estudos no campo de turismo são realizados em relação a outros campos: arquitetura, contabilidade, biologia, agronomia, engenharia, comunicação, psicologia, letras, história e filosofia. E dessa relação entre campos, o entrelaçamento de disciplinas, resulta em uma produção diversa do conhecimento no turismo. Para o presente estudo, a trama em questão é a relacionada com turismo, comunicação e subjetividade, tendo como platô investigativo o Festival Brasileiro de Música de Rua.

### **3. Comunicação-trama**

Conforme destacado, pensa-se a interface turismo e comunicação considerando-se a dimensão complexo/sistêmica/transversal dos dois campos, o que se expressa na enunciação “trama”. A aproximação do conceito “trama” com turismo é uma das temáticas expressas na pesquisa “Trama Amorcomtur!”. A perspectiva de “trama”, aqui abordada, está relacionada com a concepção epistemológica proposta pelo físico austríaco Fritjof Capra, especialmente no texto intitulado *A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. A abordagem sistêmica que Capra (2006) propõe em sua obra rompe com estruturas e sinaliza mudanças nos modelos de produção de conhecimento, independente do campo. Ao propor uma transformação na lógica de compreensão da realidade, o autor aponta para a concepção do conhecimento em rede de relações.

No novo pensamento sistêmico, a metáfora do conhecimento como um edifício está sendo substituída pela da rede. Quando percebemos a realidade como uma rede de relações, nossas descrições também formam uma rede interconectada de concepções e de modelos, na qual não há fundamentos (CAPRA, 2006, p. 48).

Para Capra (2006), o que torna possível a abordagem sistêmica, em uma ciência, é o reconhecimento de que todas as teorias científicas são limitadas, pois a ciência não pode fornecer uma compreensão completa e definitiva de uma realidade, mas, apenas, aproximações da realidade. O pensamento processual da teia infinita de padrões interconexos passa a ser a fonte de força e confiança no fazer científico.

O pressuposto *teia da vida*, como metáfora da ciência, criou possibilidades para que as diversas áreas do conhecimento pudessem repensar seu lugar e suas premissas epistemológicas. Nesse sentido, passa a ganhar destaque e a ser valorizada a dimensão de conexões múltiplas e processuais. A rede de relações, aqui denominada “trama”, é inerente aos processos científicos também do turismo. Na pesquisa aqui proposta, a rede de relações compreende teia/trama turismo, comunicação e subjetividade.

Ainda na década de 1990, emerge no campo da comunicação social a perspectiva “trama”, com a obra *Comunicação: trama de desejos e espelhos*, em que a comunicação é apresentada como um processo complexo de interação de sujeitos (BAPTISTA, 1996). Em um passado mais recente, noutro texto, a autora sinaliza a aproximação dos critérios do pensamento sistêmico de Capra aos os campos do turismo, comunicação e subjetividade (BAPTISTA, 2014). No texto, a autora aborda a importância de religar os saberes e aproximar as áreas de conhecimento, ultrapassando a expressão teórica, propondo um diálogo com a dimensão metodológica, a *cartografia de saberes*, estratégia metodológica que orienta este trabalho e estará descrita na próxima sessão.

A perspectiva da comunicação-trama parte, como diz o nome, do conceito de comunicação associada à noção de trama. Aqui, há também uma derivação do conceito teia da vida de Capra (2006): “Comunicação é a interação de sujeitos, a partir do fluxo constante a multidirecional de informação entre eles, uma espécie de trama/teia, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis” (BAPTISTA, 2013). Apesar de parecer óbvia a ideia de que a comunicação é interação de sujeitos, ela representa um deslocamento da matriz epistemológica no campo da comunicação, pois, nessa perspectiva, não se tem mais definições concretas de papéis emissores ou receptores. A compreensão da comunicação sai da fórmula — emissor que emite uma mensagem, utilizando um determinado canal, com base em determinado código —, para a de receptor que recebe ou, no máximo, pode responder, reagir, produzindo *feedback*. (BAPTISTA, 2013).

Comunicação é interação de sujeitos, através do fluxo multidirecional de informações entre eles, numa espécie de trama/teia complexa, composta tanto de elementos visíveis quanto invisíveis, corporais e incorporais, significantes e a-significantes, podendo ser ou não mediada por dispositivos tecnológicos, na constituição de algo como um campo de força de encontro de energias, decorrente dos universos de referência de cada sujeito envolvido (BAPTISTA, 2013).

Surge, com base no contato com a perspectiva da comunicação-trama, a subjetividade como um elemento que transversaliza os processos científicos, tanto no turismo, quanto na comunicação, afinal onde há pessoas, há subjetividade. Mas de que subjetividade está-se falando? A subjetividade aqui mencionada tem suas bases nos estudos da perspectiva contemporânea esquizoanalítica proposta por Félix Guattari e Gilles Deleuze (2011), em uma série de obras e textos. Vale lembrar que a primeira publicação foi em 1972. A esquizoanálise ressignifica duas grandes áreas: a psicanálise e o marxismo. Em relação à psicanálise, os autores fazem uma crítica ao inconsciente freudiano e também ao conceito de “desejo” como falta. Em contrapartida, propõem o conceito de inconsciente maquínico, povoado por máquinas desejantes, que se tornam responsáveis pelo desejo. Sobre o marxismo, apresentam a ideia de que o modo de produção da sociedade, ou seja, a instauração do modo de produção capitalista altera a subjetividade das pessoas, que não é algo separado, mas se torna parte do sujeito.

A proposição conceitual “trama” vem sendo transposta para o turismo por Baptista e pelos trabalhos investigativos realizados pelo Grupo AMORCOMTUR!, em diferentes estudos, especialmente, em desenvolvimento em duas universidades brasileiras: Universidade de Caxias do Sul e Universidade Federal do Amazonas.

#### **4. Construindo a cartografia: primeiros sinalizadores**

A cartografia, em sua origem, está conectada aos estudos da geografia que, diferente do mapa que representa um todo estático, tem o objetivo de documentar e analisar, por meio da utilização de diferentes



técnicas, elementos, fenômenos e ambientes. De acordo com o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, a cartografia é o “conjunto de estudos e operações científicas, técnicas e artísticas que orienta os trabalhos de elaboração de cartas geográficas”. Já a ideia de cartografia, utilizada por Baptista (2014), está conectada à proposição da psicanalista Suely Rolnik (2006), que, para além do campo geográfico, considera que “paisagens psicossociais também são cartografáveis” (ROLNIK, 2006, p. 23).

*Cartografia sentimental* é o livro escrito pela psicanalista e pesquisadora Suely Rolnik (2006), em que a ideia da cartografia, como orientação metodológica alinhada às transformações contemporâneas do desejo, tem espaço como conceituação e prática. Lançada originalmente na década de 1980, com uma nova edição em 2006, a obra é “uma pequena máquina que coloca de cabeça para baixo a noção de método”, nas palavras da editora da última edição, Tania Maria Galli Fonseca. Ao contrário do que a palavra sentimental pode sugerir, Rolnik (2006) desmistifica sua relação com sentimentalismo e conecta-a a outra perspectiva: a do afeto. “Aqui tem mais a ver com afeto: cartografia do afetar e de ser afetado dos corpos vibráteis [...]. Devir desses corpos” (ROLNIK, 2006, 231). A interpretação que se faz é a de pensar o pesquisador cartógrafo como aquele que afeta e deixa-se afetar por sua temática de estudo.

Afinal, como se desenvolve a cartografia? Rolnik (2006) sinaliza: “É muito simples o que o cartógrafo leva no bolso: um critério, um princípio, uma regra e um breve roteiro de preocupações — este, cada cartógrafo vai definindo para si, constantemente” (ROLNIK, 2006, p. 67). Apesar da breve relação que aqui se faz entre a cartografia, reconhece-se o complexo que envolve o processo, assim como sua conexão com teorias esquizoanalíticas, das quais ainda não se tem domínio. Assim, há como corpos vibráteis e desterritorialização que não serão aprofundados neste estudo. De qualquer maneira, nesse ponto, já é possível destacar algumas pistas da prática do cartógrafo: ele se afeta e deixa-se afetar e leva com ele critérios, princípios, regras e um roteiro de preocupações.

Rolnik (2006) explica que o critério está conectado com o grau de intimidade que cada um se permite, a cada momento, no processo da investigação. Já o princípio deve ser, na verdade, um antiprincípio, que extrapole as convenções morais e sociais. Em relação à regra, a autora lembra que há uma potência de desterritorialização da subjetividade, a cada momento e movimento, em cada existência, no processo de pesquisa. Por fim, para o roteiro de preocupações, não há orientação, já que o pesquisador vai definir para si, constantemente.

Se o cartógrafo precisa levar com ele apenas critérios, princípios, regras e preocupações, então a proposição cartográfica de Rolnik (2006) é simples, não é? Acredita-se que seja o contrário, pois o cartógrafo, no sentido que Rolnik apresenta, precisa estar disposto a envolver-se e estar atento às transformações da paisagem psicossocial que se propõe a acompanhar. Em conexão com Rolnik, Baptista (2014) sugere uma preparação para a viagem investigativa, assim como o olhar sensível aos fenômenos investigados, para compreender além do que está posto, isto é, também contextos e conexões. Dessa forma,

Rolnik (2006) apresenta um tipo de sensibilidade que o cartógrafo se propõe fazer e prevalecer, na medida do possível, em seu processo de cartografia.

Para Baptista (2014), o “pesquisador precisa saber que qualquer fenômeno, qualquer tema que esteja estudando, é algo complexo e, nesse sentido, precisa ser considerado em sua complexidade, nos seus entrelaçamentos”. Entende-se essa orientação como um alerta, para que, durante o caminho da pesquisa, não se caia na armadilha da simplificação e redução dos fenômenos, mas que se possa compreendê-los no todo em um cenário mutável. Essa citação também leva a pensar no fenômeno proposta, ou seja, na complexidade que envolve o entrelaçamento do turismo, comunicação, subjetividade no Festival Brasileiro de Música de Rua.

É com esse espírito de pesquisador cartógrafo/viajante que se propõe o relato a seguir, feito por uma das autoras, a respeito das aproximações com o platô psicossocial investigado, trazendo elementos sobre Caxias do Sul, passando pelo Festival Brasileiro de Música de Rua, até a apresentação da sinalização de aproximação e ações investigativas com as três cenas selecionadas.

## **5. Caxias do Sul**

Caxias do Sul é uma cidade localizada na região da Serra Gaúcha, ao norte do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil. Marcado pela colonização europeia, principalmente de povos oriundos do norte da Itália, o município foi fundado em 20 de junho de 1890, período em que o Brasil passava pela transição de Império, regido por uma família real, para República. Os primeiros imigrantes chegaram à região em 1870. Os estrangeiros foram assentados em repartições de terras, divididas em lotes, sem infraestrutura prévia (NASCIMENTO, 2011).

Naquela ocasião, a imigração de povos europeus atendia não apenas à crise socioeconômica, provocada pela guerra para unificação do estado/nação italiana, mas também à necessidade de ocupação territorial da região sul do País. Antes de chamar-se Caxias do Sul, a região também foi conhecida por Campo dos Bugres, Colônia de Caxias e Santa Teresa de Caxias (MACHADO, 2001).

Apesar das dificuldades em habitar um território sem infraestrutura prévia, os imigrantes italianos trouxeram seus saberes e vivências sociais para a colônia no Brasil. Ainda considerada colônia da Coroa Imperial, em 1881, acontecia, em Caxias do Sul, a primeira feira agroindustrial — embrião da tradicional Festa Nacional da Uva. Em 1890, a colônia passou a ser reconhecida como vila e, em 1910, como cidade (MACHADO, 2001).

Atualmente, Caxias do Sul é o segundo maior município do estado do Rio Grande do Sul, em termos populacionais. De acordo com o *Mapa do turismo brasileiro*, divulgado pelo Ministério do Turismo, Caxias do Sul está localizada na Região Turística da Uva e do Vinho (BRASIL, 2016).

Geograficamente, a cidade é ponte de conexão do fluxo turístico entre as regiões da Uva e do Vinho, que compreende cidades como Bento Gonçalves e Garibaldi, e das Hortênsias, região de Gramado e Canela.

De acordo com o *ranking Melhores cidades do Brasil de 2015*, Caxias do Sul é a primeira melhor cidade de grande porte para morar no Rio Grande do Sul e a quinta no Brasil. Em termos econômicos, o Produto Interno Bruto do município equivale a 5,68% do PIB estadual, e a renda *per capita* anual é de \$24.589,00, sendo 47,3% superior ao Rio Grande do Sul e 79,22% ao restante do Brasil. Os dados refletem a história do município, que teve um grande desenvolvimento econômico na primeira metade do século XX, parte por reflexo da 2.<sup>a</sup> Guerra Mundial, com o aumento da indústria metal/mecânica e também de produtos alimentícios de origem suína (MACHADO, 2011).

Atualmente, no campo de eventos culturais, além do Festival Brasileiro de Música de Rua, platô investigativo deste estudo, há outros dois grandes eventos que acontecem na cidade: Mississippi Delta Blues Festival, realizado anualmente desde 2008, dedicado, exclusivamente, ao gênero musical *blues*, com a presença de artistas norte-americanos, e a tradicional Festa Nacional da Uva que acontece a cada dois anos e tem origem nas feiras agroindustriais realizadas entre 1881 e 1931. Juntos, os três eventos contribuem para inserir Caxias do Sul no calendário dos grandes eventos nacionais, possibilitando diferentes tipos de viagens de turismo na cidade.

## **6. Festival Brasileiro de Música de Rua**

Criado em 2012, na cidade de Caxias do Sul, no Rio Grande do Sul, o Festival Brasileiro de Música de Rua acontece, anualmente, em diferentes cidades da Serra Gaúcha. Uma realização da De Guerrilha Produções, empresa do músico e produtor Luciano Balen, o Festival foi idealizado com o objetivo principal de levar música onde as pessoas estão. Nesses seis anos de atividades, o Festival já promoveu 329 concertos gratuitos, em espaços públicos das cidades, envolvendo 140 atrações artísticas do Brasil, Colômbia, Argentina, Uruguai, Chile e Espanha, além de realizar 37 oficinas e palestras de educação musical e formação para o negócio da música. De acordo com informações divulgadas pela organização, por meio do *site* oficial do evento (RUA, 2017), nesse período, o Festival já interagiu com um público superior a 120 mil pessoas.

Durante o Festival, ruas, praças, escolas, paradas de ônibus e espaços públicos das cidades tornam-se palcos, o que possibilita uma proximidade entre músicos e espectadores, atitude que contribui com a formação de público para a música artística e independente. O Festival também é palco para grupos locais e estrepantes, ou seja, artistas que não dispõem de material fonográfico lançado, como álbum ou EP (sigla para o termo *extended play*, gravação com, geralmente, quatro a seis músicas).

Ao reunir músicos e produtores culturais de diferentes nacionalidades e regiões do Brasil, o festival também promove o encontro de distintos gêneros, fomentando a diversidade cultural e possibilitando o

intercâmbio entre artistas. Desde 2015, quando o Festival passou a acontecer em outras cidades, unir as cidades da Serra Gaúcha pelos laços da música, promovendo trocas entre artistas locais e internacionais, também passou a ser um dos focos de trabalho da equipe de organização.

Outras ações que acontecem durante o Festival são conferências e palestras da Incubadora da Música, que promovem o encontro entre músicos e agentes da cultura para debater temas sobre o mercado da música. Com recursos provenientes de diversas fontes de financiamento, cada ano o Festival acontece em um formato diferente, adaptando-se à disponibilidade de verba. Em 2012 e 2013, Música de Rua aconteceu durante cinco dias do mês de maio, exclusivamente em Caxias do Sul. No ano seguinte, 2014, foram nove dias de Festival em sete cidades da Serra Gaúcha. Nos dois últimos anos, 2015 e 2016, o evento aconteceu no período de dez dias, com atividades em seis cidades da Serra Gaúcha.

Em 2017, o Festival Brasileiro de Música de Rua posicionou-se como o maior festival de música de rua do País e trouxe, como mote, “amor pela música”. Sua realização contou com a parceria do Sistema Fecomércio/Sesc Rio Grande do Sul/Caxias do Sul, o financiamento da Lei de Incentivo à Cultura de Caxias do Sul, do Fundo de Apoio à Cultura/FAC do governo do estado do Rio Grande do Sul e do Prêmio Funarte do Ministério da Cultura, governo federal. Ao contrário do ano anterior, quando, em dez dias aconteceram 110 *shows* gratuitos em seis cidades, cinco oficinas e debates sobre o negócio da música e ações de formação musical em escolas, a programação do sexto ano será dissolvida em etapas durante o ano.

Ainda no primeiro semestre de 2017, o Festival de Brasileiro de Música de Rua realizou duas etapas: Festival na Estação e Incubadora da Música entre 17, 18 e 19 de março (sexta, sábado e domingo). O Festival na Estação concentrou a realização de *shows* na antiga estação férrea de Caxias do Sul, no sábado e no domingo. Também promoveu, na sexta-feira, dois concertos na praça central da cidade, Praça Dante Alighieri, e uma *jam session* no Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho. No sábado, o Sesc Caxias do Sul sediou os encontros da Incubadora da Música, que trataram de assuntos sobre a temática “viver de música”, como conteúdo para redes sociais, para onde vai o fonograma da era digital, conexão festivais brasileiros e para onde vai o negócio da música.

Na primeira etapa, o Festival Brasileiro de Música de Rua reuniu 15 grupos, totalizando 63 músicos do Rio Grande do Sul, Paraná, Sergipe, Rio Grande do Norte, Ceará, Pernambuco, Pará, Argentina, Chile e Uruguai. Promoveu 18 concertos, além de reunir 18 produtores culturais e trabalhadores do negócio da música, em três dias de atividades gratuitas em Caxias do Sul, e um público estimado pela organização de oito mil pessoas. As próximas etapas do Festival Brasileiro de Música de Rua, em 2017, acontecerão nas ruas de outras cidades da Serra Gaúcha: Bento Gonçalves, Gramado, Garibaldi e Flores da Cunha.

## **7. Sinalizadores de aproximações e ações investigativas**

Até o momento, discutiu-se a rede de relações conceituais e teóricas que sustentam a pesquisa e permitem ampliar o olhar ao platô investigativo Festival Brasileiro de Música de Rua. Também foram, resumidamente, apresentadas a cidade de Caxias do Sul e o Festival Brasileiro de Música de Rua. Agora, parte-se para a dimensão empírica. Para este artigo, foram selecionadas três cenas que discutem aspectos relacionados com a pesquisa. São três cenas vivenciadas por uma das pesquisadoras durante a pré-produção e a produção da primeira etapa do Festival Brasileiro de Música de Rua, em Caxias do Sul/Brasil. O recorte aqui apresentado integra a pesquisa completa, descrita na dissertação de mestrado em desenvolvimento.

Na discussão sobre os aspectos metodológicos da produção investigativa relacionada com a perspectiva cartográfica, entende-se ser importante o registro, em diário de campo, de cenas marcantes, para subsidiar narrativas que extrapolam o relato “frio”, objetivista e reducionista, com base no registro de dados coletados. A imersão “amorosa e cuidadosa” no campo, o contato sensível com o fenômeno investigado é um dos traços da postura investigativa do grupo Amorcomtur!.

O recorte de cenas abaixo apresentadas, apesar de, em um primeiro momento, parecer desconexo, pode ajudar a refletir sobre a relação do Turismo em Caxias do Sul, e compreender de que modo o Festival Brasileiro de Música de Rua pode ser visto como processo comunicacional e subjetivo, que potencializa o turismo em Caxias do Sul. Para tanto, a seguir, serão apresentados o relato da cada cena, o respectivo quadro de decupagem de informações e, por fim, as possíveis reflexões, buscando-se apresentar conexões com a cartografia como um todo, de um universo de expressões artístico-culturais, que apresentam sinalizadores para o Turismo em Caxias do Sul. As cenas são apresentadas em primeira pessoa do singular, como exercício de escrita com a proposta de aproximação do leitor da cena vivida na coleta.

### **Cena 1. Entrevista de Luciano Balen, diretor do Festival Brasileiro de Música de Rua**

Encontramo-nos em um café de Caxias do Sul. O encontro tinha como objetivo conversarmos sobre a movimentação econômica que o Festival Brasileiro de Música de Rua tem promovido em seus seis anos de existência e, assim, relacionar com a temática de economia criativa e turismo. Convém apresentar o entrevistado: Luciano Balen é diretor do Festival Brasileiro de Música de Rua e músico há trinta anos. Tem formação em Administração, foi gestor de uma empresa de tecnologia e largou tudo, há sete anos, para voltar à missão de vida: a música. É um dos músicos do duo eletrônico denominado CCOMA e, com ele, foi vencedor do 24.º Prêmio da Música Brasileira, na categoria Música Eletrônica. Lançou, recentemente, o álbum *Subtropical temperado*, selecionado pela Natura Musical. Também é coordenador da Incubadora de Música da Serra Gaúcha, projeto realizado em parceria com o SESC/RS.

A entrevista foi orientada por tópicos relacionados com a economia criativa e registrada em áudio. Começamos falando sobre o papel de um Festival de Música na contemporaneidade, e o papel do Festival Brasileiro de Música de Rua em Caxias do Sul. Após, conversamos sobre o papel educativo, de formação de público e de sensibilização das pessoas para a arte, buscando relacionar criatividade com empreendedorismo e, também, a relação do turismo com a produção cultural local.

Nós não temos turismo, estragaram o nosso turismo. Nos últimos anos a gestão do turismo aqui [Caxias do Sul] foi abaixo do aceitável. Sinto falar, mas é verdade. Não [se] investiu nada. Não [se] investiu tempo, não [se] colocou gente preparada para cuidar do turismo e ficou muito no turismo industrial. A cidade ia muito bem na questão industrial, mas agora mudou, as coisas estão mudando. E, nesse meio tempo, Gramado, Bento Gonçalves e Garibaldi estão dando uma lição na gestão de turismo. E, onde tem turismo, a cultura flui muito mais fácil. Porque o turista vem, ele vai embora com o vinho, ele pode levar uma peça de queijo do seu Raul, mas ele também pode levar um disco e um livro. E a gente tem mostrado, através da cultura, a exemplo da escritora Natalia Borges, que ganhou Prêmio Jabuti em 2016, o mais importante prêmio literário do Brasil, as bandas YANGOS e CCOMA [e] os com circulações fora daqui. E nós temos potencial para agregar ao turismo com a nossa cultura, que não é só a cultura italiana, enfim. A gente tem provado que tem coisas para mostrar, além do galetto ao primo canto. Que também é muito legal, mas a gente tem que somar as coisas. Então, o papel de um festival é muito mais do que só entretenimento. Ele é entretenimento, mas eu acho que o Festival de Rua, ele entra em uma classe de 40% geração de negócios, 20% potencial turístico para Caxias, 30% fruição de cultura e 10% diversão. É assim que eu vejo ele.”

**Quadro 1. Decupagem da fala do músico e produtor cultural Luciano Balen**

<b>Decupagem da fala do músico e produtor cultural Luciano Balen.</b>	Mudança do cenário econômico em Caxias do Sul.
	Avaliação negativa do turismo em Caxias do Sul.
	Comparação de Caxias do Sul com Gramado, Bento Gonçalves e Garibaldi.
	Relação da cultura com o turismo.
	Exemplos de destaque de produção cultural caxiense.
	Reflexão sobre cultura, arte e italianidade.
	Papel do Festival Brasileiro de Música de Rua

Fonte: Autora 1, 2017.

### **Cena 2) Sabores de Caxias do Sul: grappa**

Sábado, primeiro dia de *show* na Estação Férrea, sou procurada por Geraldinho Magalhães, produtor do músico Felipe Cordeiro (Pará). “Você poderia guardar essa sacola para mim?” No camarim, não havia nenhum armário ou espaço em que pudessem ser guardados objetos pessoais. Justificou-se, falando que demoraria a voltar ao hotel e gostaria de pegar no dia seguinte. Ofereci minha mochila, mas antes perguntei o que era e, para minha surpresa, eram garrafas de grappa. Guardei as garrafas. No dia seguinte, quando o produtor cultural buscou suas garrafas, contou-me que era a segunda vez que estava em

Caxias do Sul, e que, da primeira vez que estivera, foi envolvido pelo aroma da cachaça, que o levou até a venda. Mais do que o vinho, o que ficou em sua lembrança foi o sabor da grappa.

**Quadro 2. Decupagem da cena vivenciada com o produtor Geraldinho Magalhães**

<b>Decupagem da cena vivenciada com o produtor Geraldinho Magalhães.</b>	Um produtor cultural visita Caxias do Sul, por motivo de trabalho, e vive também a condição de turista.
	Durante o trabalho, vai em busca de uma lembrança da cidade.
	A lembrança que carrega da cidade é a grappa, uma bebida feita com os restos da produção do vinho.

Fonte: Autora 1, 2017.

**Cena 3) Diversidade cultural em Caxias do Sul.**

*O Pioneiro*, jornal diário de Caxias do Sul, com circulação em toda a Serra Gaúcha, acompanhou o Festival Brasileiro de Música de Rua e, no dia seguinte a seu encerramento, 20 de março de 2017, publicou, com destaque, um relato sobre o encontro. “Festival de Música de Rua foi marcado pela diversidade de estilos e interação em Caxias” — dizia o título da matéria. A jornalista Tríssia Ordovás Sartori (2017) iniciou a matéria com o seguinte conteúdo:

Pés que se moviam de um lado para o outro, mães e filhos que rodopiavam de mãos dadas, amigos que ensaiavam performances em frente ao palco. Teve palminhas, gritos de u-hu e registros feitos com celular. Teve mistura de músicos de diferentes vertentes, trocas musicais com artistas que haviam acabado de se conhecer. Festa das mais descoladas — e indicada para a família toda.

A matéria também trouxe relato do público participante, que falou de sua experiência no Festival e sobre a apresentação de Sabar África, grupo de imigrantes senegaleses, ganeses e haitianos que residem em Caxias do Sul, e Marcos de Ros, caxiense e guitarrista virtuoso do estilo *heavy metal*.

— Se não fosse o festival, estaria em casa sem fazer nada. Vim para ver esse *show* porque me sinto conectada com minhas raízes africanas — contou a garota, exibindo *black power* e explicando que a dança pode ser uma forma de afrontar o racismo na sociedade.

**Quadro 3. Decupagem dos trechos da matéria do *Jornal Pioneiro***

<b>Decupagem dos trechos da matéria do <i>Jornal Pioneiro</i>.</b>	Diversidade de estilos musicais e interação.
	Festival para todas as idades.
	Pessoas vivendo a cidade, durante o Festival.
	População sai de casa para viver a cidade, no Festival.
	Presença da cultura negra, com identificação do público.

Fonte: Autora 1, 2017.

## **8. Reflexões com base nas cenas**

Em um primeiro momento, as cenas explicitam a complexidade e a diversidade de aspectos intervenientes, quando se analisa um evento como o Festival Brasileiro de Música de Rua. São três cenas distintas em suas características e origens, porém conectadas a um mesmo platô investigativo, pelo viés do turismo e da comunicação-trama.

Em uma reflexão geral sobre o Festival Brasileiro de Música de Rua, para além das cenas aqui decupadas, pode-se inferir que o evento desperta o olhar para uma Caxias do Sul que foge à tradição da cultura da imigração italiana, muitas vezes ligada ao imaginário da fé e do trabalho, lema que ainda é lembrado pela sociedade e, recentemente, acompanhou o governo municipal de 2013 a 2016, com o *slogan* “Caxias do Sul, da Fé e do Trabalho” (HUNOFF, 2013). Quando um evento com as características do Festival Brasileiro de Música de Rua acontece na cidade da fé e do trabalho, proporcionando o intercâmbio de artistas de toda a América Latina, promovendo artistas locais e, principalmente, dialogando com o público nos lugares onde ele está (ruas, praças e espaços públicos), mostra uma Caxias do Sul com potencial de integração com novas culturas, uma Caxias do Sul diversa.

Busca-se conectar as reflexões das cenas com o turismo. Antes disso, retomam-se os conceitos de turismo com os quais esse trabalho dialoga: o turismo como trama de saberes (BAPTISTA, 2016); o turismo como uma combinação complexa de produtos e serviços (MOESCH, 2002) e áreas do conhecimento; o turismo como fenômeno resultado de uma dinâmica sociocultural (MOESH, 2002); e o turismo como uma experiência visual conectada à imagem e ao imaginário, e resultado de um estranhamento do olhar (GASTAL, 2005). Com a união das abordagens de Moesch (2002) e Gastal (2005), tem-se uma perspectiva “complexa e sistêmica” do turismo, ou seja, o fenômeno compreendido em suas diferentes dimensões, ao mesmo tempo em que posiciona a compreensão deste trabalho com base em uma dimensão subjetiva, dos sujeitos envolvidos no turismo, cuja discussão é uma das temáticas que permeia os estudos do grupo Amorcomtur! (Baptista, 2016).

Na primeira cena, o produtor Luciano Balen compara Caxias do Sul a outras cidades das regiões turísticas da Uva e do Vinho e das Hortênsias, afirmando que, na cidade, não se tem inteligência para trabalhar com o turismo. Apesar do discurso crítico, Balen aponta para possíveis soluções ou potências, ou seja, o olhar para a movimentação cultural que acontece na cidade, trazendo, inclusive, exemplos de produções culturais com destaque nacional na literatura e na música. Sua fala, atenta para a incapacidade da gestão pública em dialogar com o que emerge na cidade, em vez de ficar preso a um passado que, talvez, não tenha uma correspondência direta com a realidade contemporânea de configuração social e movimentação cultural. Enquanto se redigia este artigo, o atual prefeito de Caxias do Sul declarou que não aconteceria a Festa Nacional da Uva em 2018 (CAXIAS DO SUL, 2017). A festa, que acontece com



periodicidade bianual, em anos pares, uma das principais marcas da cidade, agora, foi adiada para 2019, deixando um hiato de um ano.

Escolhemos trazer o fato do não acontecimento da Festa da Uva em 2018 para essa discussão, pois tem relação com a avaliação negativa do turismo em Caxias do Sul, feita pelo entrevistado, quando o principal evento indutor de turistas para a cidade é cancelado pelo Poder Público, ignorando, inclusive, o impacto econômico. Em paralelo, o Festival Brasileiro de Música de Rua, apesar de não equivaler em números e dimensões estruturais à Festa Nacional da Uva, segue acontecendo, adaptando-se às possibilidades de financiamentos e parcerias. Partindo-se da leitura do turismo como um fenômeno de objetividade/subjetividade, em sua dimensão complexa de inter-relacionamento entre produtos e serviços (MOESCH, 2002), a fala de Luciano Balen atenta para as potencialidades da cidade, que ultrapassam o tradicional e podem vir a integrar a rede de produtos e serviços de Caxias do Sul, assim como sua marca. Também ajuda a refletir sobre Caxias do Sul como destino turístico, com base em suas características, de algo que se produz e se reinventa, que se abre para múltiplas conexões que não se prendem só às tradições, mas que também as respeita.

Com relação à cena dois, destaca-se a grappa como sabor da cidade. Comumente conhecida na região por “graspa”, a grappa é uma bebida alcoólica destilada de origem na uva, que chegou a terras brasileiras com os imigrantes italianos, a partir da segunda metade do século XIX. A grappa, cachaça de uva, é feita do bagaço de produção do vinho, das cascas e sementes, portanto é resultado de um reaproveitamento. O que tem na graspa que constitui o sabor da cidade? A bebida é feita do reaproveitamento de recursos, de uma lógica de não desperdício e de fazer as coisas com base no nada, mesma lógica da cultura dos povos imigrantes, que chegaram à região apenas com seus saberes e alguns pertences pessoais e, do nada, conseguiram construir a cidade e suas riquezas.

Ao direcionar o olhar para a região da Serra Gaúcha, podemos identificar que as bebidas derivadas da uva são marcas das cidades. Como exemplo, Bento Gonçalves posiciona-se como a capital do vinho, e Garibaldi, do espumante. Já Caxias do Sul, a maior cidade da região, em termos territoriais, populacionais e econômicos, não elege uma bebida para conectar-se a sua marca de maneira explícita, que, conforme mencionado, ainda está muito ligada à cultura do trabalho. Quando a grappa surge no imaginário de um sujeito que vivencia a condição de turista em Caxias do Sul, como lembrança da cidade, surge um elemento que pode ser atribuído como valor/referência do lugar.

Já a cena três, decupada com base em matéria publicada no jornal local, revela uma Caxias do Sul multicultural, com presença e representatividade da cultura negra. Uma cidade capaz de reproduzir a polifonia que ali acontece, assim como uma polifonia da diversidade cultural latino-americana. Um evento que tira as pessoas de casa para viver a cidade e a diversidade cultural. Em conexão com a dimensão do estranhamento do olhar diante do novo, o Festival Brasileiro de Música de Rua pode ser entendido como provocador de novos olhares para a cidade, seja de moradores de Caxias do Sul ou não.

Por fim, apresenta-se o quadro geral que reúne as decupagens, com base em cenas do Festival Brasileiro de Música de Rua. São informações pontuais que podem indicar novas reflexões e leituras sobre turismo, comunicação, cultura, subjetividade e Caxias do Sul.

**Quadro 4. Quadro geral — Decupagem das três cenas**

<b>Decupagem geral das três cenas vivenciadas durante o Festival Brasileiro de Música de Rua</b>	Mudança do cenário econômico em Caxias do Sul.
	Avaliação negativa do turismo em Caxias do Sul.
	Comparação de Caxias do Sul com Gramado, Bento Gonçalves e Garibaldi.
	Relação da cultura com o turismo.
	Exemplos de destaque da produção cultural caxiense.
	Reflexão sobre cultura, arte e italianidade.
	Papel do Festival Brasileiro de Música de Rua.
	Um produtor cultural visita Caxias do Sul por motivo de trabalho e também na condição de turista.
	Durante o trabalho vai em busca de uma lembrança da cidade.
	A lembrança que carrega da cidade é a grappa, uma bebida feita com os restos da produção do vinho.
	Diversidade de estilos musicais e interação.
	Festival para todas as idades.
	Pessoas vivendo a cidade, durante o Festival.
	População sai de casa para viver a cidade, no Festival.
Presença da cultura negra com identificação do público.	

Fonte: Autora 1, 2017.

## **9. Considerações finais**

Seria incoerente com a proposta deste estudo, de caráter cartográfico, que compreende o caráter complexo, inerente aos processos científicos, turísticos, comunicacionais e subjetivos contemporâneos, finalizar este artigo apresentando uma realidade completa e definitiva da teia/trama turismo, comunicação e Festival Brasileiro de Música de Rua. Cabe aqui, fazendo menção a Capra (2006), ressaltar aproximações dessa realidade, cujas propostas partem do momento em que a pesquisa foi realizada, assim como da visão de ciência e referencial teórico trabalhado.

A proposta do artigo é de discutir turismo em sua dimensão complexa e relacioná-lo ao conceito de comunicação-trama, tendo como platô investigativo o Festival Brasileiro de Música de Rua, reconhecendo-o como platô cultural, que demonstra nuances de uma Caxias do Sul pouco abordada. Buscou-se realizar a discussão com base na estratégia metodológica cartográfica, e, assim, com base em cenas vivenciadas

durante a etapa do evento, que aconteceu entre 17, 18 e 19 de março de 2017, construir reflexões sobre as aproximações dessa temática.

Do ponto de vista do turismo, em sua dimensão complexa, cenas demonstram potenciais culturais e subjetivos, subsídios que podem servir para pensar e fazer o turismo em Caxias do Sul. Balen mostra uma cidade com déficit no turismo, porém com potencial cultural para além da tradição e da italianidade. O produtor Geraldinho Magalhães desperta o olhar para uma marca da cidade que tem conexão com a poética da história de Caxias do Sul. Uma característica da origem da cidade com base no sabor da grappa. Por fim, a matéria do jornal *Pioneiro* evidencia a diversidade cultural que acontece na cidade e ultrapassa fronteiras étnicas, também promovendo a vivência dos moradores com os espaços públicos da cidade, com base no encontro com a música. Ao que nos parece, as cenas trazem sinalizadores/sínteses interessantes: cidade com déficit no turismo; marcas turísticas ainda apegadas à tradição e à história; e potencial turístico aberto à convivência de diversidade, à potência criativa de processos marcados pela inventividade, colaboração e amorosidade.

O Festival Brasileiro de Música de Rua tem-se mostrado, pelo que se depreende da teoria e das cenas decupadas, um platô interessante, não somente por criar condições para o turismo, aqui compreendido como combinação complexa de produtos e serviços (MOESCH, 2002), conectado a experiências visuais, resultado de um estranhamento do olhar (GASTAL, 2005), mas também por ser provocador de novos olhares para a cidade. Como mencionado, são subsídios para pensar e fazer o turismo em Caxias do Sul, que também podem contribuir para olhar o que acontece nas cidades, nas movimentações culturais, que brotam à margem do comum e tradicional, e que podem ser compreendidos como potenciais turísticos, para a construção de marcas, imagens e imaginários do lugar.

## 10. Referências

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Cartografia de saberes na pesquisa em turismo: Proposições Metodológicas para uma Ciência em Mutação. **Revista Rosa dos Ventos: Turismo e Hospitalidade**, Caxias do Sul, vol. 6, n.º 3, p.342-355, jun. 2014. Trimestral. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/rosadosventos/article/view/2647>>. Acesso em: 12 maio 2015.

\_\_\_\_\_. **Comunicação: trama de desejos e espelhos**. Os metalúrgicos, televisão e a comunicação. Canoas: ULBRA, 1996.

\_\_\_\_\_. **Comunicação, amorosidade e autopoiese**. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/142120151171703635339999300420813463589.pdf>. Acesso em: 6 ago. 2013.

\_\_\_\_\_. **O sujeito da escrita e a trama comunicacional:** um estudo sobre os processos de escrita do jovem adulto como expressão da trama comunicacional e da subjetividade contemporânea. 2000. 440 p. Tese (Doutorado) — Ciências da Comunicação — Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo/SP. 2000.

\_\_\_\_\_. Sujeito-trama do turismo: reflexões sobre a subjetividade contemporânea e suas implicações para a pesquisa do turismo. **Pasos** (El Sauzal), vol. 14, p. 1.083-1.902, 2016.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo.** 13. ed. São Paulo: SENAC, 2008.

\_\_\_\_\_; MOESCH, M. M. A teoria da complexidade e o ecossistema do turismo. 2017. Disponível em: [www.univali.br/periodicos](http://www.univali.br/periodicos). [Acesso em: 02 set. 2017]

BRASIL. Ministério do Turismo. (Org.). **Mapa do turismo brasileiro 2016.** Brasília: Mintur, 2016. 40 p. Disponível em: [http://www.turismo.gov.br/images/pdf/mapa\\_turismo\\_brasileiro\\_jul\\_2016.pdf](http://www.turismo.gov.br/images/pdf/mapa_turismo_brasileiro_jul_2016.pdf). Acesso em: 14 abr. 2017.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida:** uma nova compreensão científica dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAXIAS DO SUL. Prefeitura Municipal. Assessoria de Imprensa — Festa da Uva. **Festa Nacional da Uva ocorrerá em 2019.** Disponível em: [https://www.caxias.rs.gov.br/comunicacao/noticias\\_ler.php?codigo=42582](https://www.caxias.rs.gov.br/comunicacao/noticias_ler.php?codigo=42582). Acesso em: 3 maio 2017.

COMPARATO, Doc. **Roteiro:** arte e técnica de escrever para cinema e televisão. 6. ed. Rio de Janeiro: Nórdica, c1983.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs:** capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2011, vol.1.

FESTIVAL BRASILEIRO DE MÚSICA DE RUA. **Página Inicial.** 2017. Disponível em: <http://www.festivalbrasileirodemusicaderua.com/>. Acesso em: 13 mar. 2017.

GASTAL, Susana. **Alegorias urbanas:** o passado como subterfúgio : tempo, espaço e visualidade na pós-modernidade. Campinas/SP: Papyrus, 2006.

\_\_\_\_\_. Turismo e cultura: aproximações e conflitos. In: BENI, Mário Carlos (Org.). **Turismo:** planejamento estratégico e capacidade de gestão. Berueri: Manole, 2012, p. 235-255.

\_\_\_\_\_. **Turismo, imagens e imaginários.** São Paulo: Aleph, 2005.

- HUNOFF, Roberto. Barbosa Velho toma posse em Caxias apostando no lema fé e trabalho. **Jornal do Comércio**. Porto Alegre, 2 jan. 2013. Disponível em: <<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=112606>>. Acesso em: 13 jun. 2017.
- MACHADO, Maria Abel. **Construindo uma cidade**: história de Caxias do Sul — 1875/1950. Caxias do Sul/RS: Maneco, 2001.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **O princípio da razão durante**: o conceito de comunicação e a epistemologia metapórica: nova teoria da comunicação III: tomo V. São Paulo: Paulus, 2010.
- MARUJO, Noémi. O estudo acadêmico do turismo cultural. **Revista Turydes: Turismo y Desarrollo**, n.º 18, 2015. Disponível em: <http://www.eumed.net/rev/turydes/18/turismo-cultural.html>. [Acesso em 16 mai. 2017]
- MOESCH, Marutschka Martini. **A produção do saber turístico**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- MORIN, Edgar. 1991. **Introdução ao pensamento complexo**. São Paulo, Instituto Piaget.
- NASCIMENTO, Roberto do. Caxias — 2010: 132 anos de urbanização. In: HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti; RANDÜNZ, Roberto. **História e imigração**. Caxias do Sul: Educs, 2011, p. 317-330.
- NETTO, Alexandre Panosso. O problema epistemológico no turismo: uma discussão teórica. In: TRIGO, Luiz Gonzaga Godoi; NETTO, Alexandre Panosso. **Reflexões sobre um novo turismo**: política, ciência e sociedade. São Paulo: Aleph, 2003, p. 57-86.
- ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina/Ed. da UFRGS, 2006.
- SARTORI, Tríssia Ordovás. Festival de Música de Rua foi marcado pela diversidade de estilos e interação em Caxias. **O Pioneiro**. Caxias do Sul. 20 mar. 2017. Disponível em: <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-tendencias/noticia/2017/03/festival-de-musica-de-rua-foi-marcado-pela-diversidade-de-estilos-e-interacao-em-caxias-9752203.html>>. Acesso em: 20 mar. 2017.